

O PAPEL ROXO DA MAÇÃ



Marcos Bagno

SINOPSE

Ao retornar de viagem, o pai da menina Rosa lhe deu uma fruta que ela nunca tinha visto antes — uma maçã — e que veio embrulhada num papel de seda roxo. Para o espanto de todos, Rosinha colocou o papel junto à orelha e ouviu tudo o que ele lhe contou: onde o pai comprou a maçã, quem a vendeu e quanto custou a fruta. Num outro dia, mesmo sem ainda saber ler, a menina comentou a história que estava dentro de um livro. Será que Rosinha tinha o dom de adivinhar?

Escrito por um grande autor, este livro nos oferece uma bela história sobre o imaginário infantil, tecida numa linguagem criativa e envolvente.

PALAVRAS DO AUTOR

Nasci em Minas Gerais, mas sempre morei fora de lá. Depois de passar por Salvador, Rio de Janeiro, Brasília, Recife e São Paulo, estou de volta a Brasília, onde o céu é muito azul e aparece por todo lado que a gente olha (em setembro, ao entardecer, ele chega até a ficar roxo!).

As palavras são, para mim, o maior mistério que existe e, desde muito pequeno, me interessei em saber de onde elas vêm, o que querem dizer, o que deixam de dizer. Por isso fui estudar línguas e me entristece muito não saber falar todas elas.

Este livro foi o primeiro que escrevi para as crianças, quando estava para nascer minha primeira filha, Júlia. Tive a ideia de escrever essa história quando ouvi o escritor Bartolomeu Campos de Queirós dizer: “o primeiro livro que li foi o papel roxo da maçã que meu pai trazia de longas viagens”. Achei muito bonito e resolvi criar um livro para caber nesse título!

FICHA TÉCNICA

Ilustrador: Sérgio Ramos
Formato: 20 x 20 cm
Número de páginas: 60
Coleção: *De fio a pavio*
ISBN: 978-85-385-2029-0
Indicação: A partir de 8 anos

Prêmio João de Barro, 1989 – Júri infantil

“Altamente recomendável”, 1989 – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ)

O PAPEL ROXO DA MAÇÃ



Marcos Bagno

“A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e portanto nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade.”

ANTONIO CANDIDO

(CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: _____. *Vários escritos*. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades, 2004. p. 186.)

“A fruição literária não é um simples ato de consumo, mas uma construção que pressupõe capacitação, experiência. É, pois, necessário deixar de associar a leitura prazerosa à ideia da mera facilidade ou lazer. Na facilidade, não está necessariamente o prazer e, na obrigação, não está necessariamente o desprazer. O prazer pode estar associado à realização.”

LUIZ PERCIVAL LEME BRITTO

(BRITTO, Luiz Percival Leme. Sobre o processo de formação do gosto e a constituição do sujeito leitor. *Prazer em Ler 2*, São Paulo, fev. 2007. p. 26.)

“A literatura infantil, nessa medida, é levada a realizar sua função formadora, que não se confunde com uma missão pedagógica. Com efeito, ela dá conta de uma tarefa a que está voltada toda a cultura — a de “conhecimento do mundo e do ser”, como sugere Antonio Candido, o que representa um acesso à circunstância individual por intermédio da realidade criada pela fantasia do escritor. E vai mais além — propicia os elementos para uma emancipação pessoal, o que é a finalidade implícita do próprio saber.”

REGINA ZILBERMAN

(ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 29.)

“... a diversidade é fundamental quando se compreende que o leitor não nasce feito ou que o simples fato de saber ler não transforma o indivíduo em leitor maduro. Ao contrário, crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura.”

RILDO COSSON

(COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 35.)

“O tratamento do texto literário oral ou escrito envolve o exercício de reconhecimento de singularidades e propriedades que matizam um tipo particular de uso da linguagem. É possível afastar uma série de equívocos que costumam estar presentes na escola em relação aos textos literários, ou seja, tomá-los como pretexto para o tratamento de questões outras (valores morais, tópicos gramaticais) que não aquelas que contribuem para a formação de leitores capazes de reconhecer as sutilezas, as particularidades, os sentidos, a extensão e a profundidade das construções literárias.”

Parâmetros Curriculares Nacionais

(BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do Ensino Fundamental — língua portuguesa*. Brasília: MEC/SEF, 1998.)

O PAPEL ROXO DA MAÇÃ



Marcos Bagno

FORMAÇÃO DO LEITOR

PREPARAÇÃO E MOTIVAÇÃO PARA A LEITURA

No processo de formação do leitor, o seu papel, professor, é fundamental, especialmente ao procurar atrair o interesse e a curiosidade das crianças. Para motivá-las para a leitura, você pode apresentar o livro, ler um trecho (se for um texto narrativo em prosa ou um texto teatral) ou um dos poemas (se for um livro de poesia), oferecer informações complementares que situem a leitura, criar suspense – quando for o caso – a respeito do final ou da sequência da narrativa, contar uma história que tenha a ver com o texto que será lido ou utilizar outras estratégias que despertem nelas o desejo de ler “aquele” livro em especial.

No entanto, nesse processo, cabe a você não somente o papel de incentivador da leitura mas também de mediador das atividades de compreensão do texto, fornecendo um conjunto de instrumentos de interpretação e de estratégias para que as crianças alcancem progressivamente a autonomia leitora.

A compreensão do que se lê depende também de fatores externos ao texto, como os conhecimentos prévios das crianças. Por isso, é importante sempre incentivá-las a usar os conhecimentos que já possuem – o que sabem sobre o gênero/tipo de texto (como geralmente se organiza e que recursos linguísticos e literários costuma utilizar), o tema e o autor, outros textos que tenham lido, situações que vivenciaram, etc. – para formularem hipóteses sobre o que vão ler ou o que estão lendo.

O levantamento de hipóteses percorre todo o processo de leitura, mas pode ser feito já na exploração prévia do texto/livro, a partir da observação de alguns indicadores: gênero/tipo de texto (narrativa, poema, texto teatral, livro de imagem), organização do texto (partes em que se divide, distribuição no papel, relação entre texto e imagem), autor, título, capa, ilustrações (personagens, cenário, cores, etc.), entre outros. Levantando e checando hipóteses interpretativas, os leitores vão buscando o “fio da meada” que lhes permite construir o sentido do texto que está sendo lido.

Para facilitar a entrada no texto, você pode recorrer a perguntas pedagógicas para orientar seus alunos e apontar caminhos possíveis para a compreensão do que se lê. Considerando o perfil da turma, você pode elaborar perguntas de antecipação (pré-leitura) que ajudarão os alunos a formular hipóteses e a ativar conhecimentos relevantes para a leitura do texto, partindo do que já sabem para descobrirem o que ainda não sabem e construindo uma ponte entre o livro que será lido e o que foi trabalhado anteriormente na sala de aula.

Um recurso valioso que também facilita a entrada no texto é a leitura expressiva, que consiste em dar vida às palavras, em colocar na voz os sentidos do texto, ou seja, em oralizar a interpretação do texto. Ler expressivamente é ler com a entonação e o ritmo adequados, com a modulação da voz, com boa dicção, com as pausas devidas, com naturalidade, com a ênfase correta (um momento de suspense ou de grande descoberta, por exemplo). Por ser uma atividade que consegue chamar a atenção das crianças para a beleza das palavras e também despertar e manter o interesse delas pela leitura, deve ser mais valorizada na escola e praticada com maior frequência.

O PAPEL ROXO DA MAÇÃ



Marcos Bagno

EXPLORAÇÃO DA LEITURA

O processo de exploração da leitura tem como objetivo facilitar às crianças a compreensão das características de composição verbal e/ou visual do livro lido.

Cabe a você, professor, fazer perguntas que permitam às crianças compreender que a literatura trabalha com palavras e imagens para criar efeitos de sentido. Essas questões devem ampliar a compreensão do texto literário e despertar o olhar dos alunos para a multiplicidade de sentidos que os textos dessa natureza podem oferecer. Essa é uma excelente estratégia didática, sobretudo para a exploração da leitura daqueles textos que se distanciam muito do nível de autonomia de leitura das crianças. É também importante que os alunos possam interrogar o texto, explicitando os procedimentos que utilizam para lhe atribuir sentido. Assim, você contribuirá, de fato, para a formação do leitor e evitará a fragmentação e a leitura excessivamente pedagógica e escolar dos textos da esfera literária.

Para fazer a ponte entre a etapa de preparação e a exploração propriamente dita do texto, você pode pedir aos alunos que realizem uma investigação prévia da linguagem utilizada, orientando-os por meio de perguntas. Podemos citar como exemplo, dentre tantas outras, estas questões: “O texto foi entendido com facilidade ou não?”, “Existem palavras que geraram dúvidas?”, “Os parágrafos são curtos ou longos?”, “O que aconteceu no início da história?”, “O que determinou que o personagem mudasse de ideia?”. Pode-se também tirar proveito dos efeitos de sentido produzidos pelos sinais de pontuação (onde se localizam os pontos-finais, a que tipo de sentimento se referem as exclamações, que tipo de dúvidas é indicado pelas interrogações e o que sugerem as reticências), para que as crianças comecem a reconhecer e se familiarizar com as funções expressivas desses elementos.

Após essa visualização mais geral do texto, pode-se então passar a aspectos específicos do gênero/tipo de texto ou da narrativa visual (se for um livro de imagem).

Se for um texto narrativo, seus elementos centrais devem ser analisados, como o tempo, o espaço (geográfico, social ou mágico), as relações entre os personagens principais e os secundários, o narrador, entre outros aspectos.

Tomando o cuidado de não transformar a exploração da leitura em uma aula de gramática, pode-se perguntar às crianças se a história é narrada no passado, no presente ou se faz referências a um tempo futuro, instigando-as a comentar como chegaram às respostas dadas. Alguns elementos do texto podem indicar quando ocorre a história, como algumas palavras e expressões (“ontem”, “hoje”, “no mês passado”, “antigamente”, dentre outras), verbos e tempos verbais (“faz”, “está fazendo”, “brinca”, “andou”, “comeu”, “buscará”, “vai buscar”, etc.).

Pode-se explorar o espaço chamando a atenção dos alunos para palavras e expressões que denotam essa ideia e que fazem com que possam construir uma imagem mental do local onde os fatos ocorrem. Como se trata de literatura, os espaços representados nas narrativas devem ser vistos como imagens de ideias, de mundo inventados, de interpretações, seja do escritor, seja da coletividade. Um castelo, por exemplo, é muito mais do que uma construção grande e rica: representa o imaginário dos contos de fadas.

O narrador é uma figura central da narrativa e não deve ser confundido com o autor. É interessante mostrar como o narrador pode se apresentar no texto: pode ser um personagem principal ou secundário, participar da história e contar os eventos em primeira pessoa ou pode estar posicionado fora dos acontecimentos e contar a história dessa perspectiva, como observador somente.

O PAPEL ROXO DA MAÇÃ



Marcos Bagno

As características dos personagens podem ser reconhecidas a partir da exploração de comportamentos, falas, silêncios, figurino, ações. Para orientar o olhar das crianças, você pode fazer algumas perguntas, como estas: “Que papel eles desempenham na história?”, “Gostam de brincar?”, “São falantes, calados, alegres, solitários?”, “Vão à escola?”, “Têm amigos?”, “O que sentem?”, “O que pensam?”, “Como se relacionam com os demais personagens (amizade, ódio, amor, solidariedade...)?”. Para ampliar as possibilidades de compreensão e interpretação do texto, você pode pedir aos alunos que façam comparações com outros personagens ou com pessoas que conheçam: poderão dizer, por exemplo, que tal personagem se parece com eles próprios, com a Emília ou com o Menino Maluquinho, que fala como o Lobo Mau, que tem os cabelos brancos como os da avó, etc. É uma estratégia produtiva para perceber como se constrói um personagem. Nessa atividade de associação, entretanto, o texto deve ser o ponto de partida e de chegada. Por isso, é muito importante que você, professor, não deixe as discussões perderem o foco da leitura, partindo para comentários a respeito da vida das crianças ou indo para longe do texto.

Dependendo do gênero, você deve chamar a atenção para diferentes elementos de composição. Na leitura de poemas, deverá orientar o olhar de seus alunos para características como sonoridade, rimas, ritmo dos versos. Mostre para as crianças que a escolha das palavras, na literatura, especialmente na poesia, é cuidadosamente pensada para obter determinados efeitos, sejam de sentido, sejam sonoros, sejam imagéticos, ou todos ao mesmo tempo.

Já no trabalho com o texto teatral, deve-se comentar que a finalidade é a representação cênica e, para tanto, alguns elementos da composição dramática devem ser ressaltados. As crianças precisam reconhecer a semelhança com a narrativa - o texto feito para o teatro também conta uma história, com cenário, personagens e no decorrer de um tempo determinado - e identificar e analisar as rubricas, que são as balizas desse gênero: indicações sobre a cena, como devem ser pronunciadas as falas, como devem se movimentar e se comportar os personagens, seu figurino, seus gestos e outras indicações.

Se o texto for não-verbal, como é o caso dos livros de imagem e das ilustrações que acompanham os textos verbais, outros olhares e percepções devem ser acionados. A composição visual envolve uma técnica (colagem, aquarela, nanquim, xilogravura; cores fortes, tons pastéis, traços finos ou espessos, etc.), escolhida pelo ilustrador para produzir determinados significados e/ou efeitos. A exploração das ilustrações de um livro deve ter como foco a estrutura e a composição e deve contemplar as relações entre texto e imagem, entre título e história narrada, entre personagens e demais elementos da narrativa (espaço, tempo, linguagem, narrador, por exemplo). Para orientar o olhar dos alunos na exploração das ilustrações, você pode recorrer a algumas perguntas, tais como: “Que tipo de elementos visuais demonstra que o espaço é grande ou pequeno, claro ou escuro?”, “Como é possível saber se os personagens estão no campo, na cidade, em casa ou em outros lugares?”, “As imagens revelam aspectos da realidade ou da fantasia?”, “De que forma as ilustrações se relacionam com o texto verbal, ampliando os seus sentidos e enriquecendo a leitura?”.

O PAPEL ROXO DA MAÇÃ



Marcos Bagno

EXPANSÃO DA LEITURA

Realizado o trabalho de exploração da leitura, é interessante promover a ampliação dos conhecimentos, impressões, sentimentos e significados que vieram à tona a partir do contato com o texto literário. Nesta etapa, é fundamental que você situe a leitura do livro em um universo mais amplo de expressão, o que pode acontecer de variadas formas.

Um conceito importante nesta etapa é a intertextualidade. Deve-se propiciar às crianças a oportunidade de relacionarem o texto lido com outras leituras que fizeram (diálogo com a própria literatura) e também com outras formas de expressão, como as artes plásticas, a música, o teatro, o cinema, os quadrinhos.

No caso das relações entre textos literários, deve-se desafiar as crianças a estabelecer comparações (busca de semelhanças e diferenças) de alguns aspectos: estilo dos autores (diferentes escritores têm estilos também diferentes, e isso se evidencia nas escolhas que fazem e no modo como compõem seus textos), linguagem, temática, estrutura do texto, características dos personagens, técnica de ilustração, entre outros.

É você, professor, a pessoa mais preparada para perceber as possibilidades de exploração de intertextualidade que sejam mais produtivas para seus alunos, já que cada turma tem sua história de leituras prévias, de vivências culturais, de projetos anteriores de leitura. Enfim, as atividades de expansão da leitura dependerão muito do perfil das crianças, para que elas possam, efetivamente, fazer ligações entre o livro que leram e outros que já conhecem, filmes ou peças de teatro a que assistiram, obras de arte que tenham visto, músicas que tenham ouvido.

Debates, pesquisas e atividades lúdicas (por exemplo, encenações, associações de palavras, ilustrações, jogos, projetos de divulgação na escola e na comunidade) podem enriquecer a compreensão e a interpretação do texto. Obviamente, isso não deve se tornar pretexto para atividades meramente pedagógicas, nem resultar no abandono do texto literário, que deve ser sempre, vale a pena ressaltar, o ponto de partida e de chegada do trabalho com a leitura.

O PAPEL ROXO DA MAÇÃ



Marcos Bagno

BIBLIOGRAFIA RECOMENDADA

- ◆ ALLIENDE, Felipe; CONDEMARÍN, Mabel. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. 8. ed. rev. e atual. São Paulo: Artmed, 2005. p. 179-182.
O trecho recomendado discute o papel da literatura na formação do ser humano e o incentivo, desde cedo, à leitura.
- ◆ CABRAL, Márcia. A criança e o livro: memória em fragmentos. In: KRAMER, Sonia; LEITE, Maria Isabel Ferraz Pereira (Org.). *Infância e produção cultural*. Campinas: Papirus, 1998. p. 151-170.
Dialogando com textos autobiográficos dos escritores Graciliano Ramos e Elias Canetti, esse texto investiga a relação da criança com o livro e com a leitura e ressalta a importância de um bom mediador.
- ◆ COSSON, Rildo. Aula de literatura: o prazer sob controle? In: _____. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 25-30.
Esse capítulo do livro trata das relações entre literatura e escola e dos seus conflitos. É um texto questionador, que pode favorecer a reflexão sobre a sua prática e sobre o ensino de leitura na escola.
- ◆ KLEIMAN, Angela B. Contribuições teóricas para o desenvolvimento do leitor: teorias de leitura e ensino. In: RÖSING, Tania Mariza Kuchenbecker; BECKER, Paulo Ricardo (Org.). *Leitura e animação cultural: repensando a escola e a biblioteca*. 2. ed. Passo Fundo: UPF, 2005. p. 21-41.
De forma bastante didática, a autora apresenta sucintamente as principais teorias relacionadas à leitura, discutindo as suas implicações para o ensino na escola: os estudos do letramento (leitura e prática sociocultural), as teorias linguístico-discursivas (a noção de gênero) e as teorias sociocognitivas (as estratégias de compreensão).
- ◆ ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. rev., atual. e ampl. São Paulo: Global, 2003. p. 25-30.
O trecho sugerido trata da formação do leitor e das relações entre literatura e escola.

O PAPEL ROXO DA MAÇÃ



Marcos Bagno

PROPOSTA DE TRABALHO

ANTES DA LEITURA

1. Antes da leitura, questione: quem se lembra do primeiro livro que leu? Incentive as crianças a contarem um pouco dessa experiência. E as primeiras letras e palavras: como foi o processo de aprendizagem? Só lemos aquilo que possui palavras? Podemos ler o mundo? De que maneira?
2. Mostre ao grupo vários tipos de papel, de cores diversas, todos sem nada escrito. Depois, questione se é possível ler algo em papeis onde não há nada escrito. Por quê? Eles trazem alguma lembrança? Proponha uma atividade de associação livre e deixe que os alunos falem sobre o que imaginam quando observam os papeis.
3. Apresente o livro e solicite à turma que observe a ilustração da capa e o título, lançando hipóteses sobre o possível conteúdo da obra. Folheiem o livro, atentando para a estrutura do texto, para a disposição dele no papel. É uma narrativa? Que elementos permitem afirmar isso? Será que há poesia nessa narrativa? O que nos leva a esta conclusão?

DURANTE A LEITURA

1. As primeiras páginas do livro (5, 6 e 7) apresentam a personagem principal, Rosa, o lugar onde ela mora, seus pais, os bichos que tem. Pergunte aos leitores quais são os recursos que o narrador utiliza para descrever a menina, no início do texto. Chame a atenção para o fato de que ele começa pelo nome da menina e vai criando derivados desse nome para falar dela. Motive os alunos a perceberem o que há de diferente na forma como o narrador evidencia os personagens e também os lugares.
2. Explore os elementos de espaço da narrativa. A apresentação é feita de maneira tradicional ou existem elementos pouco convencionais? Ressalte o segundo parágrafo da página 5, na qual o narrador diz que não se lembra bem do lugar onde Rosa morava, mas que era “no fim-de-mundo de um mundo-sem-fim chamado Goiás”. Por que ele diz que o lugar é assim e que certamente não poderia ser Goiânia, a capital do estado? Destaque aspectos como a grandeza da paisagem, as surpresas coloridas da terra, “o céu mais lindo que haja”. É possível dizer que o local em que a história se passa tem um caráter um tanto mágico? Instigue os leitores a dar suas opiniões sobre isso.
3. A linguagem utilizada também faz parte da caracterização dos personagens e da região onde vivem. Solicite aos alunos que busquem algumas dessas marcas: “Ô Zezete, foi ocê que disse pra Rosinha o nome da maçã?” (página 12); “A maçã custou foi cinco contos, não foi?” (página 15); “Será que tenho uma santinha aqui den’de casa?” (página 19); “Pai, os livros, a gente faz é o quê com eles?” (página 23); “Jura por Nó’Senhora d’Abadia?” (página 45); etc.

O PAPEL ROXO DA MAÇÃ



Marcos Bagno

4. O narrador é um personagem ou conta a história de um ponto de vista externo aos fatos narrados? Como podemos identificá-lo? Peça às crianças que encontrem trechos que demonstrem a proximidade dele com o leitor, como se estivesse conversando com quem lê: “...quem vai entender a cabecinha de Rosa, toda poesia e prosa?” (página 7); “Será que a gente não começa nunca essa história?” (página 8).

5. Chame a atenção da turma para a forma como é descrito o presente que Rosa ganha de seu pai na volta da viagem (página 9). Saliente a importância dada ao elemento central da história: o papel roxo, uma “coisa simplesmente deslumbrante”. Pergunte se é comum um papel de embrulhar maçã ser visto de maneira tão especial e dar margem a uma longa história. Explore com os alunos a ideia de que não há temas definidos *a priori* para a literatura (um grande amor, uma batalha de grandes proporções, etc.).

6. Converse sobre as coisas que Rosa e suas amigas ouviam de papéis e de objetos. Como os pais da menina encararam o fato de ela ouvir coisas do papel roxo? O papel roxo dizia que tipo de coisa para Rosa? E os livros? Mesmo não sabendo o que estava escrito neles, Rosa ouvia as histórias que ali estavam. O fato de a garota, nessa parte da narrativa, não saber ainda ler palavras fazia com que dentro dos livros não houvesse texto? Os significados das palavras estavam lá mesmo que Rosa não soubesse ler? Por quê?

7. Explore as ilustrações, começando pela capa. Quais cores o ilustrador utilizou? A que remetem essas cores e a maneira como elas estão colocadas? Elas dialogam com o título? Leve os alunos a observarem atentamente a ilustração da página 3 e, depois, a responderem esta questão: quais as relações que podemos estabelecer entre o livro e o papel roxo? Leiam a apresentação do autor, na página 60, para enriquecer essa discussão. A partir da página 12, as ilustrações adquirem um caráter fantástico, pela introdução das histórias contadas pelo papel roxo. O “real” e o imaginário começam a caminhar juntos na aprendizagem de Rosa. É algo a ser trabalhado com os leitores, no sentido de expandir a leitura. Proponha uma busca de outras imagens fantásticas: os soldadinhos saindo do livro, nas páginas 22 e 23; as formigas no livro, na página 24; a árvore de guarda-chuvas, na página 33; as letras nos cabelos de Rosa e da professora, nas páginas 36, 38 e 39; a estrada de folhas de papel, margeada por casas de livros, na página 46; entre outras.

8. Há poesia no livro? Onde está? Sugira leitura em voz alta dos poemas das páginas 28 a 33 e também 46 a 49. Após a leitura, questione: as crianças escutam somente coisas que conhecem? Que trechos dos poemas revelam isso? Qual delas deixa claro em seu poema que as pessoas, em geral, não acreditam nela? Qual a solução encontrada por Adélia para que nunca mais esquecesse das coisas ouvidas e vividas na infância? Por que será que ela não quer esquecer?

9. Peça aos leitores que façam uma lista de todos os nomes próprios existentes no livro. Depois, questione: será que o autor escolheu esses nomes por acaso? Conduza a discussão, começando pelo nome da personagem principal: Rosa. Releiam o último parágrafo da página 58, em que fica clara a relação entre Rosa e o escritor Guimarães Rosa. Explore também os nomes dos pais de Rosa, relendo os três primeiros parágrafos da página 6. E as amigas da garota, será que há um motivo para que o autor tenha escolhido esses nomes para elas? É possível imaginar que elas também possuem, como Rosa, nomes de escritores? Proponha uma busca, na biblioteca, de livros de escritoras cujos nomes se assemelham aos nomes das amigas de Rosa (por exemplo, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Florbela Espanca, Lygia Fagundes Telles).

O PAPEL ROXO DA MAÇÃ



Marcos Bagno

10. Para explorar mais detalhadamente a questão da linguagem, que é um componente significativo na construção da narrativa, aponte para alguns aspectos de destaque.

A derivação, a criação de nomes a partir do nome original e a repetição de palavras são bastante utilizadas. Peça às crianças que identifiquem alguns desses recursos nas três primeiras páginas: “Tinha mãe? Tinha pai? Tinha bicho?” (página 6); “Bichos, bichos, bichos, tinha, sim.” (página 7); Bé, Opaco e Gaiato (página 7); “...de nada nadinha.” (página 45).

Sugira uma releitura em voz alta dos dois primeiros parágrafos da história para explorar a sonoridade e o emprego criativo das palavras.

Abra uma discussão sobre o efeito que esses recursos linguísticos promovem no texto. Converse com a turma sobre o fato de que a criação literária pode se valer da invenção de palavras e da sua repetição como recurso de ênfase, de sonoridade, de estilo. Enfim, leve os leitores a compreender que, na literatura, a linguagem é um dos aspectos na construção do universo ficcional e, como tal, não tem compromisso, por exemplo, com as regras gramaticais.

DEPOIS DA LEITURA

1. Relembrem a pesquisa feita na etapa de exploração da leitura sobre os nomes das amigas de Rosa que podem estar associados a nomes de escritoras importantes, como Clarice Lispector, Cecília Meireles, Adélia Prado, dentre outras.

O livro *Quando eu era pequena*, de Adélia Prado, é uma boa sugestão de leitura. Se possível, leia-o com as crianças, relacionando a personagem Carmela com a Adélia de *O papel roxo da maçã* no que se refere à vontade de guardar para sempre a vida de criança e à contribuição da palavra escrita para que as lembranças não se percam.

Sugira aos alunos que encontrem livros dessas autoras homenageadas pelo escritor Marcos Bagno, leiam alguns textos e, depois, escolham um para apresentarem à turma.

Colaboração: Ana Cristina de Aguiar Bernardes e Lindsey Rocha